

CREPUSCULO

GAZETA LITTERARIA

PROPRIEDADE DE SABBAS COSTA

Desterro, 16 de Setembro de 1889

ANNO III

Assig. por mez... 500 réis.
Pagamento adiantado

COLLABORADORES:—DD. Revocata de Mello, Candida Fortes, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti Guimarães, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira; Srs. Silvio Pellico, Carlos de Faria, Pedro Goudel, Timotheo Maia, José Prates, Alfredo Toledo, Dr. Messeder, Brigido Peixoto, Francisco Cardona, Salomé Pereira, Canarim Junior, Weaceslau Bueno, Francisco Dutra.

NUMERO 36

Escriptorio d rua de João
Pinto n. 40

FRANCISCO CARDONA

E' hoje o 23° anniversario natalicio do nosso generoso collaborador.

Francisco Cardona é um joven amavel e doptado de brilhante talento.

O *Crepusculo* sauda-o em ardentes apertos de mãos e envia-lhe mais uma vez os signaes de vivo reconhecimento pelo auxilio que sempre tem-lhe dispensado, pela sua valiosa collaboração.

CREPUSCULO

LETRAS

16 de Setembro de 1889.

V

Para esta serie de artigos escolhemos um assumpto de interesse palpitante, um assumpto que ha bem pouco tempo foi trazido á tela da discussão, em nosso paiz, mas que se impõe hoje aos espiritos reflectidos como uma necessidade, que não pode ser procrastinada e que deve tornar-se uma realidade para expurgar os *fazedores* de litteratura chã, sem forma nem fundo, das regiões das Intelligencias, onde esses pulhas querem se collocar.

E' necessario que tenhamos critica, para que esses façanhudos *fazedores* de litterature, que vagam pelas ruas ou são servos ou creados das repartições publicas não se arrojem a tentar pôr o focinho, onde só podem estar os homens de talento cultivado.

E' necessario que tenhamos critica para essas nullidades balôfas, que conspurcam com sua baba nojenta, nauseabunda o nosso meio litterario, não se atrevam a mendigar elogios.

E' necessario que tenhamos critica para separar o trigo do joio, para demonstrar aos enfatuados, aos crapulas litterarios, que o fructo de suas horas de estupidez, não servem, não prestam nem sequer para os usos secretos.

E' necessario que tenhamos critica para que desapareçam «certos nomes, productos artificiaes de parcialidades, muito communs

no Brazil, nomes que não são filhos do talento e do esforço proprio.»

Já é tempo, não de se temer, mas de se desejar a critica, como disse Franklin Tavora, no tomo III, pag. 422 da *Revista Brasileira*, de 15 de Março de 1880.

Sujeitos sem orientação, sem preparo, transformados da noite para o dia em jornalistas, desconhecendo completamente a grammatica, sem conhecimento algum, são esses os que se arvoram em criticos, para do alto de suas cadeiras de lama, legislarem para a Humanidade!

Não é essa a critica, que desejamos, não são fazedores de esterquilinios litterarios, que reclamamos; queremos homens preparados para preencherem tão nobres aspirações.

Para tal mister não podem servir os litteratos de meia tigella, os poetinhas de agua doce, que cantam em versos de pés quebrados as tranças louras de cabello de mulheres pretas.

Para a profissão tão nobre de criticista não podem servir os *quidams* que devoram os livros que cahem em suas mãos e dos quaes os taesinhos não entendem patavina, e vão citando a torto e a direito em seus aranzeis.

E é justamente as nullidades que se atiram ao terreno da critica, fazendo elogios áquelles que elles vêm que darão em troca elogios, e aos que elles vêm que collocam-se bastante altos para não descerem a dar em permuta elogios immerecidos, a esses os taes procuram tesourar.

Mas é debalde, os escriptos ruins cahirão irremediavelmente; os que desejam subir, sem ter intelligencia, talento, estudo, terão uma queda fatal e esmagadora: os que, para subir, deprimem os outros, para que o publico os julgue superiores, não passarão nunca de nullidades e os conhecedores da materia atirar-lhe-ão ás faces a saliva do desprezo esmagador.

Os rabiscaadores hão de ver seus escriptos, que peccam contra a Arte, contra a Fôrma, a divina Fôrma, servindo para embrulhar toucinho nas tascas e para outro uso nas partes reconditas das casas de familia.

E a isto não impedem os elogios mendigados servilmente, nem a gritaria insana, louca, medonha, atroadôra do enfatuamento dos nullos.

PEDAÇOS D'ALMA

A' ***

Uma nuvem negra, pesada, cobrio o sol de minha felicidade.

Os momentos felizes e a epocha bella, cheia de encantos, doçura, amor, crença e esperanças... passaram!

As juras de amor sincero e inquebrantavel, mil vezes repetidas ante o rubor de um beijo prolongado, tão solemnemente permutadas e selladas por mil osculos puros, inspirados pelo ardor que sentiam os nossos corações de criança, tão doces, que faziam a nossa felicidade, que alentavam-nos de rizonhas esperanças, oh! essas juras fortes, solemnnes, sagradas... foram esquecidas!

Hoje não mais me guia a luz de tens olhos negros; não sinto os arpejos de teu seio nem a poderosa influencia que sobre mim dominava o nosso primeiro amor.

As noites, as negras e eternas noites de hoje, não passam em sonhos fagueiros, promettedores de felicidades vãs; as noites de hoje negras e lugubres como minh'alma e como tudo que me cerca, vel-as sentiudo a esmagadora e estúpida realidade do meu passado feliz.

As horas, que em tempo passavam leves, faguezas, entretidas em chimericas viagens no mundo ignoto da tranquillidade d'alma e felicidade de amor, hoje, lembrando-me que ha viventes para quem ellas são rapidas, pezam me mais do que me pezaria o nome do—engeitado!

Quando a funerea saudade in coraçao, fazendo-o pulsar mais rapidamente, uma força irresistivel atropella-me pensamento e perpassa-me pela mente, um perplexo turbilhão de ignotas idéas só me reanimando quando sinto entre as mãos, o frio cartãozinho onde está photographado o teu perfil Augusto!

Aqueço-o, então, com um sem fim de beijos apaixonados e com lagrymas de saudade e amor, derramadas sobre elle humedeço-o, deixando-o flexivel, pendido, como a florinha mimosa ao ardor do sol brilhante!

Absorto, contemplo-te em toda tua radiante e esplendida formosura, mais adora-

vel, e ao mesmo tempo esmagadora, na quietude e mudez que o cartãozinho exige!

A lembrança da felicidade immensa que gozei, quando juncto a ti, saudosa me tortura, deixando-me confundido como ao notar o rubor que cobria-te a facesinha mimosa, attrahido pelo ardor do primeiro beijo que depuz em teu semblante meigo!

É, nestes momentos doridos, em que embevecido contemplo teu retrato, lembrar-tehas de mim?

Oh! quem sabe?!...

Herval, - Fevereiro 87.

F. CARDONA.

PASSANDO

À ella...

Triunphantemente bella e encantadora, com suavissimos esplendores no jambeado rosto, olhar rutilante e vivaz, feição prazenteira e doce, enfim n'um deslumbramento olympico de alvoradas—assim vi-a passar semi-longo com a boa e aureoreal amiguinha da casa.

Ambas sorriam; ella, a venturosa rainha do meu ideal dirigiu-me a luz scintillante de seus olhos e quando senti bater-me o lampejo desse olhar que depois de atravessar o fresco ambiente pairou no meu olhar calmo fiquei revestido d'um outro encantamento—o olhar de Maria, tão terno como um intimo perdão, cheio de meiguice, é um esplendor de finissimas perolas de Ophir.

Ella passava magestosa de uma formosura opulenta; vi-lhe nos cabellos originalmente lisos um laço de fita cor de rosa, vi-lhe nas espaldas delicadas uma mantilha de lã muito encarnada.

O andar airozo infundindo tanta nobreza, cheio de tanto compasso mostrou-me a gentileza mysteriosa do sublime e fez-me até lembrar do que ha dias li na *Gazeta*—uma phrase do autor das *Eneidas* e *Georgicas*, fez-me lembrar d'um verso de Virgilio, o mantuano, que fallando a respeito do andar de Venus exclamou em latim isto que se traduz na lingua vernacula, «e no andar mostrou que era uma verdadeira deusa.»

A maneira delicada por que ella pousava o pé rosado no grosso barro da rua e o modo mimoso porque andava a riquissima morena, torna-se digno da brilhante phrase do classico latino.

Quando passou a rainha, quando ella passou crystalizando a voz de sua falla moderada a minh'alma parece que cantou, parece que andou-a em alegrias tão naturaes, que confesso, mesmo auzente, se si que que estou vendo-a galgar em passos graves e vagarosos aquelle turbilhão de granitos de areia que tinha na rua na occasião que ella de braço dado a galante companheira passava para casa.

Inda parece-me vel-a passar naqualle momento em que o sol batendo camadas de luz pelas florestas cahia no occaso e as andorinhas cascadeando nas vibrantes gargantes uns chilros compassados de monotonia pousavam no luzente arame dos telegraphos.

E nunca mais me esquecerei do andar modesto da morena, nem do verso inspirado de Virgilio....

SABBAS COSTA.

Desterro—5—9—89.

Parasitismo

Eu conheci um rapaz que andava nos vinte e dois annos de idade e que tinha um talento decidido a captivar a sympathia extranha, a mercê da qual vivia vida malandrina tão bem, como a pessoa que vive pelo seu trabalho, consciante do seu direito.

Na terra natal fundára um periodico, que sempre cheio de elogios a uns e a outros, de offerecimentos de prosa a rapazes de logares longiquos, foi-lhe facultando o comestivel e vestuario à custa alheia.

Ha por toda parte individuos que, apesar de unicamente merecerem sensuras, todavia julgam-se com direito a elogios que aliás pagam bem.

«Vivem os ladinos à expensas dos tolos.» Assim disse Lafontaine, o grande fabulista. E é uma verdade independente de commentarios!

Uma vez, de noite, recolhido ao seu quarto e deitado sobre o leito que lhe abandonava a generosidade de um amigo, monologava o joven desta forma: «É indubitavel o meu talento, e muito lorpa seria se o não aproveitasse. Irei viajar, pois!

«Em toda parte ha imprensa e litteratos monomaniacos, que com artigos bajulatorios às suas pessoas e aos seus talentos, são capazes de dar até a ultima camisa a quem favoravelmente os aprecia. Irei viajar, pois!»

E com a resolução tomada, o somno se apoderou d'elle.

No dia seguinte, muito cedo ainda, levantou-se, pegou da penna e escreveu um artigo dizendo ir visitar a provincia de tal, onde viviam distinctos litteratos, como fulanos e sicranos, aos quaes cumprimentaria satisfelissimo, como sincero admirador de seus talentos, etc.

Alguns dias depois preparava a mala e sem um real na algibeira, vinha caminho da provincia de... Ahi chegado, indagou da morada do escriptor F., foi informado e zás... fez uso do seu talento.

E eis-o então passeiando como um nababo, escrevendo nos periodicos suas produções lucrativas e preparando terreno em outra provincia...

E desta forma comia, vestia, passeiava à custa dos litteratos monomaniacos...

Para qualquer pessoa honesta esse meio de vida é impossivel, pois se torna indispensavel o parasitismo.

E no entanto deve ser bem desfructavel esse meio de vida...

P. GONCALVES.

ROSA MURCHA

Ao fulgurante ideal de Carlos Ferreira

I

Ja não te via ha dias porque tivemos uma questiuncula ephemera, disseste-me couzas que me magoaram, talvez por um caprixo, talvez...

Nunca mais, meo amor, nunca mais supunha contemplar-te—as minhas esperanças voaram céo afóra!...

Mas hontem ouvi-te a gargalhada de crystal, a voz immaculada; por isso, julguei ser

outra vez feliz; inda me resta agora um rastro de esperança...

Inda verei o teu rosto jambeado, inda verei banhar-se no lago dos prazeres a minha pobre alma, a alma que gozou o mystico lampejo dos teus olhos e que depois perdeu o que agora ganha-o...

Não tenho de todo o meu coração minado pelos dissabores; não; porque na quadra oscillante da mocidade a gente nunca perde a esperança.

—Qu'importa o desprezo de uma joven?

Acaso todas vegetam n'uma mesma idéia, todas n'um mesmo espaço lacteiam?

—Não; logo quando se não tenha o carinho de uma borboleta, vai-se buscar o amor de outra borboleta...

II

Inda me resta um lampejo de esperança e de fé, inda atiro pelos jardins o meu olhar voluntarioso a ver se colho algum jasmim do cabo ou alguma violeta...

Disseram que me havias remetido uma roza; a principio julguei nefando isto, mas ao depois m'a entregaram e recebi-a como quem recebe algum perdão, guardei-a como quem guarda um diamante.

Era uma roza vermelha como sangue, pura como o ar; as petalas languidamente murchas inda mostravam aquelle suavissimo setim.

A roza guardei no cofre do amor, muito, bem fechado, de modo que não se evapore o odor e nem penetre o ether, está bem fechado o cofre immaculado do coração.

Não tenho essa flor, assim, indifferente, assim sem gosto; tenho-a tão bem, com tanta amizade e carinho; e, na roza murcha que esteve engolphiada na nebulosa dos teus cabellos encerra-se o meu thesouro!...

Couza tão rara e tão predilecta nunca tive, só tu m'a poderias dar, e m'a deste—uma roza que nasceu n'um jardim pairou nos teus cabellos e mora no meu peito.

E fico alegre quando tenho-a nas mãos e vou timidamente orvalhando-a de beijos...

Sabbas Costa.

Desterro, 3—9—89.

CARLOS FERREIRA

A *Gazeta de Campinas* mimoseou-nos pelo ultimo numero com a publicação de 25 do passado cuja primeira pagina é toda litteraria.

Lemos tudo com alegria e dessa leitura inteiramente preciosa, variada de pensamentos fortes, de phrases artisticas e illuminadas veio nos a felicidade de aprender o modo porque se desenvolve qualquer questão litteraria, o modo firme e civil, e não o modo imbecil, immoral e até desprezivel porque o fazem certos individuos que conhecem alguma cousa do portuguez e desconhecem completamente a polidez e a delicadeza.....

Cataclysmo social!

Nada importa, cada qual com a sua educação familiar....

A polidez produz nobres sentimentos.

Ja se não pode dizer o mesmo da estupidez, deste organismo fetido que ri nas praças e falla nos botequins.....

O artigo de Carlos Ferreira, que abaixo estampamos, é uma dynamite, cujo estoíro

hade estremecer a farça impudente e cavalgar de criticos fosseis e plagiaristas mesquinhos.

E, enquanto não lhes fugir a tolice audaz bem como a fanfarrice asnatia, que vale menos que os granitos de um vaso, a paciencia humana hade viver sempre amollada... Pobre humanidade!

Entre collegas

(A proposito de um livro)

O meu illustrado collega e amigo H. de Barcellos, teve a bondade de referir-se ha dias, em sua brilhante chronica de semana, ao livro em prosa que vou publicar, editado pela importante casa *Livro Azul* desta cidade.

O meu caro confrade estranha que, após longo tempo de silencio de minha parte, deite-me eu, agora, a prosa em livro!

Ha ahí um pequeno engano que eu me apresso a corrigir: não fui eu que me deitei á prosa, foi a prosa que se deitou a mim, com o que de certo muito lucrou a paciencia universal, já um tanto cansada das minhas choradeiras amorosas e tetricas.

Mas, o que havia eu de fazer?

Feliz, ou infelizmente cheguei ao periodo da vida em que se comprehende perfeitamente que não ha nada mais inutil neste paiz e que mais se preste ás zumbaias dos vadios e dos tolos modernos, do que um homem escrever versos e publical-os, expondo á critica ignorante e sacrilega as perolas do seu coração, os diamantes dos seus sentimentos.

Mesmo em prosa, estava eu já meio resolvido a não publicar nada. Sentia todo o frio desalento daquelle miserio Chatterton. Para que publicar? Quaes são os leitores? Quantos são elles?

Por mais que se procure no trabalho litterario, neste Brazil, uma profissão, nada se consegue; é tempo perdido. A unica recompensa que se obtem infallivelmente é cair se nas garras eruentas dos Zoidôs e dos Aristarchos.

O drama que ha annos escrevi—*A Calumnia*, que o preclaro collega relembra em sua bella chronica, despertando-me vivissimas saudades, pode servir para comprovar o que acima escrevi.

Tendo sido representado em tres theatros dezeseis vezes, com successo (valha a verdade), mereceu entretanto da critica impiedosa esta grave censura: que se realmente encerrava boas situações dramaticas, peccava, todavia, pela base—não tinha entrecho, ou se o tinha era frouxissimo, frivolo, quasi impossivel.

O artista Furlado Coelho foi igualmente desta opinião.

Entretanto, o entrecho era nada mais nada menos do que esse que ora está fazendo as delicias de Paris, o entrecho do bello romance—*A Adorada*, do illustre barão de Toustaint, (René de Maizeroy)

Em poder de um marido que adora a sua esposa, caem um dia umas cartas por ella recebidas quando solteira, escriptas por um namorado impertinente. Essas cartas não tinham data, e d'ahi o suppor o marido que recentes eram, e que a mulher o atraçoava...

Ora eis ahí!

Não tinha valor isto, por ser imaginado no Brazil; mas é uma cousa sublime, porque nos vem do estrangeiro!

Não fallo apaixonado, digo só a verdade: aquelle romance é um primor, bem

mas o meu drama não tinha um enredo futil, como dizem.

Futeis eram os criticos, e pedantes tambem.

Felizmente foi o drama escripto ha 16 annos. Se o fosse agora, teria eu de supportar a pecha de plagiario, impudente, pelo menos!

Taes são as razões que eu tenho para convencer-me de que é uma rematada tolice o esbofar-se um homem com mal recompensados labores litterarios.

Mas, entretanto, como preciso tambem provar a alguns amigos meus que não sou como elles julgam uma especie de novo Anibal, a fruir somente delicias de Capua, resolvi publicar um dos meus trabalhos ineditos.

Intitula-se elle... Não! por enquanto não direi o titulo, para aguçar o appetite do collega.

E' em prosa? Talvez. Mas não será tambem poesia? Quem sabe... Algum realismo inspirado! E' possivel... Grande somma de lyrismo não rimado? De certe...

Uma especie de mysterio, não para tolos reclames, senão sómente por amor á reconhecida modestia do autor.

E' um livro, eis tudo, e em falta de outro qualquer merecimento, ha de ter forçosamente o de representar uma grande somma de trabalho.

E' quanto basta.

E permitta o collega que eu conclua agradecendo lhe de coração a gentileza com que em sua chronica se referiu, a proposito desse assumpto, aos olhos negros de minha filha.

Eu bem sabia que sua penna fulgurante é capaz de todas as generosidades, e por isso não me admirou a galanteria do talentoso escriptor; commoveu-me muito, apenas, porque a minha corda sensivel é essa, elle bem o sabe.

Quando terminei a leitura de sua bella prosa, disse cá comigo, isto sómente:

Como pode um homem destes lembrar-se de elogiar as filhas dos outros, elle que as tem mais formosas do que ninguém?

E fui apeafeioar, com mais alento e alegria, um dos capitulos do meu novo livro.

CARLOS FERREIRA,

PEROLAS DE OPHEIR

NO BAILE

A Augusto Gevaerd

Disseste-me no baile, a um canto salão,
que ias ser esposa
de um rico fazendeiro, o filho de um barão
O' louca maripoza!....

Que é um bom rapaz, alegre e prazenteiro
tu'ama assim o diz,
que gozando o seu amor leal e verdadeiro,
serias bem feliz.

Que havias de ter ouro, brilhante e pedraria
para os bailes no verão,
vestidos multicores bordados a luz do dia,

Disseste-me inda mais, ó lyrica creança,
com virginal pureza,
que elle te dissêra, te dando inda esp'rança
de seres baroneza....

Que havias de ter carros p'ra ires venturoza
aos campos, a tardinha,
e que as mais raparigas ao virem-te formoza
— chamar te-hião—raínhã!

E que por isto despresavas o meu amor de artista,
amor de tantos annos,
para entrares rindo em uma outra conquista,
em novos desenganos.

—Comos risos nos meus labios e fél no coração
eu tudo te escutei.
Sem dar-te uma palavra ouvi a narração
de ti, mulher que amei...

Depois rompeu a orchestra, saiste a dançar,
cumprí a tua lei
teus olhos, meus antigos focos de luar
nunca mais os fitei.

E já la se vão tres annos nas azas do passado
que esperas ser esposa
De um rico fazendeiro, o teu feliz amado,
ô louca maripoza!...

TIMOTHEO MAIA.

Desterro, Agosto—89.

Litteratura exotica ou transplantada

Nós que temos as Pitangas
E mil fructas certanejas
Porque fallamos sem zangas
La da Europa nas cerejas?

Porque motivos um Abril
Nos diz flores, Primavera,
Si Novembro a dá, gentil
Nesta nossa semi-esphera?

Porque falla em rouxinões
Em calhandras, cotovias
Quem escuta aos sabiás
As mais doces harmonias?

Porque falla em gelo ou neve
Quem só gôza primaveras
Quem só rara vê geada,
Ou jamais a vê diveras?....

Franc de Paulicéa M. de Carvalho

Ondina, 10 de Junho de 1889.

BOSQUEJO

Repica o sino da matriz da villa,
Como em dia de gala ...
São dez horas sómente; o sol rutila,
Faisca o espelho de crystal na sala

A pendula palpita
Compassada e monotona; singello.
N'uma gaiola, electrico saltita
Um canario amarello...

São dez horas; erguidas
As persianas deixam ver distantes,
Das arvores floridas
As front es vicejantes,

Subtil essencia de magnolia e roza
Repassa o ambiente... E a mãe a ler ensina,
Sorrindo carinhoza.
A loura filha ignua e pequenina...

Raymundo Correia.

SONETO

Muitas vezes, sorindo, me perguntas:
—Se eu morrer hoje, meu queri do amigo,
Fazes-me uns versos? fazes-me um artigo?
E eu te respondo: —As duas coisas junctas.

No entanto, fêl ao meu peccado ajuntas,
Se assim te pões a gracejar commigo.
Não poderia ver o teu jazigo
Como o jazigo vi de mil defuntas.

Oh, não! não morras, pallida formosa,
Porque a morte inimiga escura e fria,
Fôra indiscreta, fôra perigosa.

Se tu morresses, eu tambem morria.
E a minha dôr acerba e escandalosa
O teu cadáver comprometteria.

Arthur Azevedo.

LIVRO DE NOTAS

Filhos de Talma

Esta sympathica sociedade que vai dia a dia ganhando glorias e aplausos, acaba de realizar a 7 do corrente um magnifico espectáculo em gala, o qual satisfiz aos espectadores pelo brilhante modo porque fora desenhado pelos talentosos amadores.

Graças a comissão que se achava a testa, ao theatro concorreu grande numero de pessoas afim de apreciar a recita cujo rendimento foi applicado ao serviço do jardim da Praça Barão da Laguna.

Saudando a sociedade pelo seu sublime desempenho, saudamos a esforçada comissão.

Entre nós

A 4 do corrente regressaram do norte da provinciaos Srs. João da F. Povoas e Nicoláo Malboure, ambos nossos conceituados e assignantes.

— Da corte chegou a esta cidade a 9 do corrente, o nosso sincero e agradável conterraneo Sr. José Xavier Pacheco, dedicado irmão do nosso presadissimo assignante Sr. Francisco Xavier Pacheco.

Ao recém-chegado, ao bom e delicado moço enviamos nossos prazenteiros apertos de mão.

— Acham-se na capital, vindos ultimamente da Laguna os illustres e conceituados deputados provinciaes, srs. Antonio e Francisco Barreiros.

— Tambem veio da mesma procedencia o sr. Antonio Antunes de Souza distinctissimo sogro do sr. Francisco Barreiros.

Saudações.

Album de Parabens

A 5 do corrente entrou nas 26 odoríferas primaveras da vida a Exma. Sra. D. Joanna Claudio Bruno respeitavel e virtuosa consorte do nosso estimado assignante Sr. Eugenio Bruno.

— A 13 completou 25 annos de existencia o nosso excellente e digno assignante Sr. José da Silva Vasconcellos.

Tambem fez annos a 5 do corrente o nosso presado e distincto amigo, Sr. cadete João da Silva Ramalho.

Pezames

Na Palhóca falleceo ha dias o sr. Manoel Soares de Oliveira, estimado pai do nosso honrado e querido amigo e assignante Manoel Soares de Oliveira Junior.

Pezames.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

— O *Professor* n. 1, anno I, revista mensal da criteriosa Associação do Professorado Catharinense.

A comissão redactora da revista compõe-se dos conceituados cidadãos drs. Luiz A. Crespo, Paula Guimarães e Fausto Werner.

A correspondencia do *Professor* será dirigida ao nobre 1º secretario da Associação, sr. Léon Lapagesse.

Saudando cordealmente ao novel e esperanoso collega fazemos votos pela sua util duração.

A *Gazeta Pedritense*, de D. Pedrito (Rio Grande do Sul) que com todo criterio e saber, deffende os interesses geraes da cidade.

A *Chrysalida* de Cangussú da mesma provincia, gazeta collaborada por pennas de valor e merito.

— O *Seculo* de Porto-Alegre.

Muito bem seu *Seculo*; como que então veio-nos visitar?!

Obrigados. O collega agora está revestido de um outro caracter.

E... quereis saber leitores quanto custa um n. avulso do *Seculo*?

— Só 500 rs., só vinte e cinco vintens.

Por ahí podereis julgar quem é o seu *Seculo*; é um homem naturalista, que não admite relicencias, nem atura desaforos....

— O *Seculo*, não o temos mais guardado, sabem porque? — Por causa das *baranas*.

Desvanecidos saudamos ao illustrado e criterioso redactor do *Seculo*.

— A *Gazeta de Mogy-Mirim*, folha bem escripta, que sahe bi-semanalmente na cidade que lhe dá o nome.

FLORES

A 7 de Setembro matrimoniaram se o joven sr. José do Patrocino Campos e a exma. sra. d. Maria C. Becker.

Desejamos ao respeitavel par todas as venturas e felicidades de que são dignos e saudamul-o cordealmente.

Em viagem

Seguiram neste mez para fora da provincia os nossos conceituados e distinctos assignantes srs. Capitão Francisco Conceição Alferes Trogilio Sant'Anna, Salles Brasil Acastro de Campos; os tres primeiros com destino a provincia do Rio Grande do Sul e o ultimo com fito a Curityba onde servir no 8º regimento de cavallaria.

Boa viagem e felicidades.

Longe de ti

O *Itajubá*, bem redigido organo de publicidade que é dado á estampa na cidade de do mesmo nome transcreveu do n. 28 do nosso hebdomadario o bello soneto—*Longe de ti*—da apreciada poetisa nossa talentosa collaboradora D. Ubaldina de Oliveira.

Esqueceram, porém, de declarar onde encontraram tão preciosa joia litteraria.

Ah! propriedade litteraria!.

Nós e a imprensa

A imprensa ainda continúa a nos distinguir com suas animadoras phrases; assim que o *Athleta* excellente publicação hebdomadaria, de Porto-Alegre accusa a recepção da nossa modesta gazeta do seguinte modo:

« Recebemos o n. 30 do *Crepusculo* interessante periodico litterario, que se publica no Desterro, de propriedade do Sr. Sabbo Costa.

O distincto collega que dispõe de um esplendido corpo de collaboradores, offerce-nos no numero que temos em mão, excellentes artigos de litteratura e magnificos versos.

Gratos, permutaremos com gosto.»

HORAS VAGAS

Logogriphos

Ao Sr. Franc de Paulicéia

Sendo de barro o porcelana 1, 2, 9, 9,
Este movel indispensavel, 4, 7, 3, 2.
Tambem pôde ser de ouro 4, 8, 6, 2.
Este melindre agradável 4, 5, 4, 10.

CONCEITO

Tem hortas, de certo,
E' debalde procurar
Aquillo que só nos jardins
Sem custo podeis achar.

ROBERTO LOPES.

A' elle

Em uma 11, 7, 2, 9, 10, achei 6, 4, 1, 3,
em ver um 6, 5, 8, 7, a comer a 3, 5, 4, 11,
10 que 10, 4, 1 para a 3, 10, 2, 1 do

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11.
Jomarbo.

Impresso na typ. da *Tribuna Popular*.